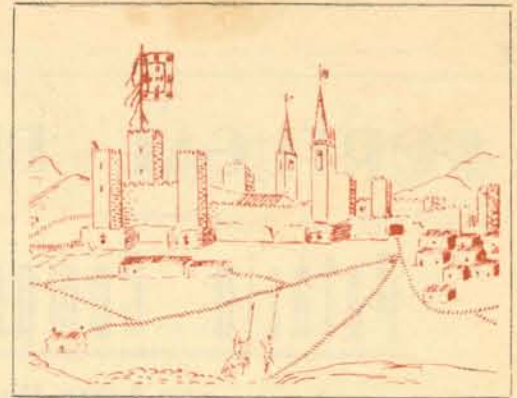


Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º

Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NIBENNE

A Sociedade Portuguesa de Escritores atribuiu um prémio literário a indivíduo condenado e preso, por traição à Pátria.

Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, em douto despacho, dissolveu aquele organismo, interpretando assim os anseios da Nação, que se bate heróicamente no Ultramar com desassombro e galhardia, em defesa dos mais sagrados princípios da civilização cristã.

NO DOMÍNIO DAS MUSAS...

A linguagem, tanto falada como escrita, traduz-se fundamentalmente ou na prosa ou no verso.

Assim rezam os tratados; e, quanto a isto, estão de acordo os "sui juris", apenas com a excepção dos tansos que exclamam a toda a hora: "nos quoque geus sumus et cavalgare sabemus".

Mas, deixando em paz o "Palito Métrico", não há dúvida nenhuma de que o que vai pelas almas só apresenta estas duas modalidades, cá por fora.

Prosa qualquer produz, mesmo que não saiba ler nem escrever; mas versos só os poetas os fazem, porque é dom natural, a que a cultura pode dar asas, mas nunca clara e gema, com resultados garantidos nas intimidades da copoeira.

Diz uma sentença do Lácio: "Nascuntur poetae, fiunt oratores"; ou, segundo a paródia de Brillat — Savarin, "on devient cuisinier, mais on naît rôtisseur".

Contudo, quantos poetas ignorados, e quantos ignorantes a poetas!

Raro é o dia em que o correio não lança sobre a nossa mesa de trabalho dúzias de "produções", vindas de todos os pontos cardiais, assinadas com os nomes mais extravagantes, tratando de tudo, "desde a forma de consertar um relógio, até ao processo de curar um estômago".

Alguns são escritos em lindo cursivo inglês, que nos faz adivinhar carícias de mãos gentis, dum romantismo "fin de siècle", quando "ela", sôzinha, sempre sôzinha, relendo cartas antigas, mas ainda perfumadas, idealiza momentaneamente "une invitation à la valise"....

Outros foram passando às laudas em cuneiforme, de mistura com uma geometria rupestre, omisso nos paleógrafos.

Certos poemas visam a alma e mergulham-se no "abismo sem fundo do tenebroso mar do pensamento"; outros focam o magma do vil e do abominável.

Atingem uns as pressões tempestuosas; descem outros ao desalento e à morte.

Os títulos vão desde o "Pensando em Ti", "Merendando Beijões", "Sofrendo em Silêncio", até ao "Livro sem Páginas", "O Teilhado Manuscrito", "A Casa de

Banho Transparente".

Quanto a rimas, nem vale a pena falar. Há de tudo, desde o "amor" ao "coração", desde as sonoridades mais extremas, até à fonética mais obscena.

Outros são "brancos", como a cal da parede.

A métrica vai desde a unidade até à légua da Póvoa, chegando-se ao ponto de não ser possível distinguir entre o verso e a prosa, mesmo rimada.

Mas, entretanto, como diria um afamado Mestre de Química, há verso e "verso".

Na vida existem momentos prosaicos; mas também os há traduzidos em versículos que em curta extensão, em aparente simplicidade, revelam um mundo de filosóficas verdades, verdades que já têm milénios e se não de manter vivas, latejantes, com a mesma pureza e a mesma harmonia celestial, pela sucessão dos séculos.

O verso, como a música, é uma forma de falar com Deus. E só não compreendem versos os que, imersos no lamaçal purulento, se deixam algeimar pelo domínio torpe do vil egoísmo.

Como são belos os versos! E como nos elevam a alma às regiões mais altas do pensamento!

Eles cantam heroísmos de batalhas, melodias secretas do coração; traduzem místicas devoções, encarnam a alma do povo, são e rude, em mōdinhas singelas de vida e de côr.

E, entretanto, como diria um afamado Mestre de Química, há verso e "verso".

Cremos que nenhuma época histórica teve tanta "produção" poética, como a que passa agora na roda do tempo. Autores célebres, autores desconhecidos, gente de todo o feito e de toda a densidade mental, de todo o coturno e de todo o soco, tudo verseja, tudo rima, desde a epilética que acorda com as janelas dos olhos carregadas de de luto, até ao "pobre diabo" que vende sinas nas feiras, numa promiscuidade reles, de parceria com ciganos e sicários.

Contudo, nesta chuva diluviana do Parnaso, o que é bom não se confunde com o lodo dos monturos.

É por isso mesmo, que há verso e "verso".

O CALVÁRIO

Depois de descrever Nisa a Nova e os "seus edifícios religiosos, com a história da sua fundação e celebridade", o Doutor Motta e Moura refere-se ao Calvário e diz-nos:

... há mais a igreja do Calvário, edificada na extremidade do Rossio, pela parte sul, junto de outros edifícios que em tempos posteriores ali se construíram.

Não há memória da época da sua construção, mas é de crer que fosse dos primeiros tempos da Vila, não só pela forma e arquitectura da capela primitiva, que era a que então se usava, mas porque era edifício de que se não prescindia naquelas eras de tanta religião e piedade, para se celebrar anualmente a Imitação Augusta dos Passos e Martírio do Redentor.

Era o antigo Calvário uma pequena capelinha, situada no lugar em que está hoje o altar-mor da actual, oom as mesmas três imagens e pequeno tabernáculo que tem hoje.

Da parte de fora, havia um belo átrio, murado, de bastante elevação, para o qual se subia por uma larga escadaria, com seu portão no fundo.

Da parte da esquerda, estava um púlpito de cantaria; e em frente um pátio e docel de pedra, sob o qual se colocava, no dia de Passos, a Imagem do Crucificado.

Em roda, havia canteiros e alegretes com muitas flores, plantas e arbustos que exalavam delicioso aroma. Entre elas distinguia-se uma oliveira, um cipreste e uma esponjeira; muitos craveiros, alfazemas, alecrim e jasmineiros. Era um pequeno jardim, plantado para que a vista e o aroma que exalava atenuassem a dolorosa impressão que o sacrifício do Homem-Deus produz em todos que o meditam e contemplam, como aqueles em que Sócrates e Platão instuam seus discípulos nas sublimes verdades da natureza, preparando os homens para receberem um dia a revelação que Jesus Cristo lhes prêgou.

Como a capela era muito pequena e não havia espaço suficiente, para o clero e irmãos, ao menos, caberem, nas funções que ali faziam, trataram de construir uma igreja maior, onde todos os fieis, que concorressem, pudessem estar.

Começou a obra em 1792, pelo risco da de Portalegre, dirigida por dois arquitectos que dali vieram, um dos quais não a chegou a ver acabada, porque, desabando a abóboda quando ia a fechar-se, como outrora a da Casa Capitular do Convento da Batalha, que mestre Ouguet construíra; e, caindo ele envolto nos materiais, ficou tão maltratado e ferido com a queda, que faleceu três dias depois.

É redonda e circular a nova

igreja, com um altar na frente, dentro da pequena capela que ali estava, e se conserva, ornada com seus azulejos, e separada por uma grade de madeira, do resto do templo.

Da parte direita está como um altar, onde se vê num féretro de preciosa madeira a Imagem de Cristo na sepultura; e, na frente, outro, onde ela repousa num andor, na posição em que o levaram pelas ruas de Jerusalém para o martírio.

Ao redor e pendentes das paredes, estão em sete quadros desenhados os passos mais notáveis da Sua Paixão.

É de abóbada e de bastante elevação e beleza. O pavimento é de tijolo, e sobe-se para ele por uma formosa escada de cantaria, de cinco degraus, que tem da parte de fora.

Tem mais uma espaçosa sacristia, para comodidade do clero e dos irmãos, com seu campanário e uma sineta que anuncia os officios divinos que ali se celebram; e um púlpito de cantaria, onde se prega o último sermão no dia de Passos; e em frente um altar, onde se arvora nesta solenidade o estandarte da Cruz.

Nota da Redacção: =

O ilustre "opositor às Cadeiras da Universidade de Coimbra", que também não soube evitar muitos desacatos ao património artístico de Nisa, e para alguns contribuiu, assim nos descreve o nosso Calvário, modificado pelos ratões do século XVIII, "arquitectos" vindos de Portalegre, verdadeiros precursores dos atentados às estéticas obras da Vila, em cuja ementa figura, como "dernier cri", a destruição do Poço do Sítio.

Do que se leu, fica-nos a ideia de um pequeno templo medieval, amorosamente circundado por amoroso horto, perfume da Terra, em ascese puríssima para Deus.

Hoje, vemos ali um cilindro gigante, encimado por espécie de pirâmide, em que se salvam apenas as cantarias do pórtico e de uma janela; e ainda obra de cópia, o que é sempre servil, mas muito em moda nestas paragens.

O púlpito artístico, sempre contemplado com enternecido interesse, ainda milagrosamente existe no exterior, salvo do camartelo vandálico, processo de que usam os ignorantes para auto-promoção à "imortalidade".

Já houve para aí um "projecto..."

No dia (quando será?) em que as obras previstas comecem, é possível encontrar testemunhas da primitiva construção; e reconstituir até, em desenho guiado, o que foi o Calvário nas eras remotas.

Quanto ao jardim, substituíram-no por aquele mostrengo de escadório, certamente paixão dos assassinos da beleza.

Ah! Mas "eles" pagam-nas todas! Acabaram de ver como um dos "arquitectos" de Portalegre findou seus dias, após a destruição do templo primitivo, que ele, como "arquitecto", ajudou com certeza a demolir.

Durante a presidência do Sr. Dr. Jaime de Almeida, entregou a Câmara Municipal a um técnico, a elaboração do projecto das obras a executar na parte nascente do Calvário, como consequência da abertura da Avenida de Dom Dinis. É o que se espera há muito.

Bom seria, entretanto que se fosse pensando na substituição da mísera escadaria, orientando-se o trabalho de modo a podermos ainda ver ali, pelo menos, um canteiro artístico, onde brotassem flores, flores de alma em frente da Casa de Deus.

DE CAPA E BATINA

O Doutor Assis recebera um pequeno pipo de 8 almudes, cheio de um vinho maduro, delicioso, que o Doutor Teixeira de Abreu lhe mandara de presente, da sua casa de Cabanas.

Chegada a ocasião de provar o nectar, acode a criada aflita, da adega, a declarar que o pipo estava em menos de meio, e que certamente alguém perpetrara o furto durante os dias em que o líquido fora deixado a assentar, no subterrâneo, para onde tinham entrado os 8 almudes.

Desce à loja Assis, com a doméstica, disposto a proceder a um minucioso inquérito, relativamente ao feio crime; e, como medida prévia, procura-se descobrir por onde foi subtraído o líquido.

Não pelo batoque, que estava resguardado por uma placa forte de latão; não pela torneira, que era de

(Continua na página 4)

Este número foi visado pela Censura

PORTUGAL - BRASIL

Palácio Comprado

por Pedro Homem de Melo

Ergue-se em mármore a lareira acesa.
Sobre as arcas há jarras de cristal
com rosas negras, de irreal
beleza.

Nem lágrimas nem risos. Nenhum grito.
E o retrato da dona do Castelo
tem nos olhos dois blocos de granito.

Como pode ser duro
o que é tão belo?

As horas vão passando... Cresce o muro.
Nos espelhos sem fim, a mesma valsa
deu movimento aos corpos — não deu vida.

Um dia há-de quebrar-se a pedra falsa!
— mas está longe a sombra prometida...

Regresso ao Lar

Das nossas queridas Terras do Ultramar, regressou há pouco a Nisa o António de Jesus Tremoço. Veio visitar-nos e contou-nos da sua satisfação por ter cumprido gratos deveres. Confiante na vida, vai em breve constituir um lar. Que o faça e seja feliz, pois bem o merece.

PONTOS E VÍRGULAS

No esclarecimento da Empresa Belos, que publicámos no número anterior, a prosa do último parágrafo pertence-nos. A falta, por nossa culpa, do necessário sinal gráfico poderia fazer incorporar no texto da explicação recebida palavras que de facto não contém. Eis uma nota indispensável para "poer em carónica" os sucessos do dia a dia.

— DE VISITA —

Em férias, estiveram alguns dias em Nisa, aonde regressarão após um passeio pela Europa, a Sr.^a D. Maria Adelaide Otto Ferreira Pinto Marçal dos Santos e marido Sr. António Marçal dos Santos. Acompanha-os sua filha, a menina Maria Paula. Estão de parabéns as respectivas famílias. As nossas saudações muito sinceras de boas-vindas.

Engenheiro Ferreira Pinto

Para o estrangeiro, em missão de estudo, partiu o Sr. Engenheiro José Otto Ferreira Pinto. Desejamos-lhe boa viagem.

"O Correio de Nisa"
vende-se na Tip. Nisense

VILEZA E DIGNIDADE

O cruzeiro gótico de Leça do Balio foi miseravelmente mutilado, há pouco tempo, por bandidos que infestam a região. A cruz destruída; e o mesmo fizeram à imagem de Cristo.

Já em 1912 a obra magistral de Diogo Pires, o Moço, grande artista do século XVI, foi objecto de idênticos crimes e repelentes desactos, por outros vândalos, precursores dos energúmenos contemporâneos.

São antropóides que não podem ver Deus.

Pois a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais acaba de reconstituir a obra de Arte, como tem feito por todo o País, dignificando os portugueses de hoje com o apagar de crimes repugnantes de alguns cabotinos do passado.

Iremos registando estes sucessos com o devido relevo, para ensinar ignorantes e evitar novas proezas das hostes de Átila.

D - 6

Agitações
Se passam no íntimo
No mais íntimo
Dos meus tecidos!
Criam-se e idealizam-se
Numa união
De mistério
Ultra-realista
Que a minha concepção
De idealista
Não pode abranger.
Buscam-se,
Repelem-se e atraem-se
Na ideologia
Duma nova era!
Cepticismo?
Beleza de alma?
Que será?
D...
Uma simples letra
Que significa?

JOSÉ VENTURA BALONAS

Camara Municipal de Nisa

(Do Relatório de 1963)

Instrução

Entrou em funcionamento o edifício escolar de Nisa, com 6 salas, construído por intermédio da Delegação para as obras de construção de Escolas Primárias, e que importou em 624 397\$51, sendo:

Edifício	425 064\$10
Complementares	49 723\$00
Imprevistos	32 137\$00
Mobiliário	54 455\$20
Electrificação	23 250\$00
Salamandras	10 035\$00

Despesas de estudos, administração e fiscalização 29 733\$21 do que à Câmara compete pagar, em 20 unidades, 312 198\$80, ou sejam 50% daquelas despesas.

Também por intermédio da Delegação foi reparado o edifício escolar de Montalvão, cuja reparação importou em 13 300\$00, do que a Câmara pagará, também em 20 unidades, 50% ou sejam 6 650\$00.

A situação da Câmara, quanto à construção e reparação de edifícios escolares do Plano dos Centenários, vai devidamente esclarecida nos mapas de fls. 37-38.

Por conta deste capítulo — instrução —, dispendeu a Câmara a importância de 70 205\$20, dos quais 55 470\$70 se destinaram ao pagamento das anuidades referentes aos edifícios já construídos, com excepção de Nisa, ou sejam os de Montalvão, Arez, Velada, Alpalhão, Chão da Velha, Monte do Duque, Monte do Pardo e Tolosa; 3 836\$80 de conservação, reparação e melhoramentos de outros edifício; 3698\$40 de luz, água e limpeza, e o resto noutras pequenas despesas: material, expediente e impressos, seguro dos edifícios, subsídio ao Externato D. Dinis, etc.

Biblioteca e Museu

Contrariamente ao que havíamos planeado, ainda não foi possível instalar a Biblioteca e o Museu nas antigas salas da escola feminina, não obstante tudo estar a merecer o melhor carinho e atenção do S. N. I., através do técnico de etnografia Ex.^{ma} Senhora Dona Margarida Ribeiro que, além de aos assuntos de Nisa vir dedicando um especial interesse — hajo em vista o Livro que publicou sobre "Cerâmica Popular de Nisa" que foi publicado na "Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares" Tomo XVII, 1961, Cuaderno 4.º, em Madrid —, aqui se tem deslocado já algumas vezes para aquele efeito.

Agora aguardamos que a Direcção-Geral do Ensino Primário nos faça a entrega daquelas salas.

Despesas extraordinárias

Por conta deste capítulo dispendeu-se a quantia de 1069913\$40 incluindo 171 500\$00 que foram entregues aos Serviços Municipalizados proveniente do empréstimo de 900 contos para eles contraído, para aquisição de contadores de água.

Nos mapas de fls. 55 a 60, vão indicadas as verbas dispendidas em cada uma das obras que constituem este capítulo, fazendo-se

também referência aos abastecimentos de água de Alpalhão, Montalvão e Tolosa, agora a cargo dos Serviços Municipalizados, mas iniciados pela Câmara Municipal.

Águas

Embora ao assunto se tenha já feito referência ao tratarmos do capítulo — "Serviços de águas e saneamento", parece que mal não ficará repetir aqui — visto ser matéria compreendida no capítulo de que estamos tratando —, que prosseguiram os trabalhos da obra de abastecimento de água a Amieira do Tejo, referentes à construção da câmara de tratamento, acabamento de alguns drenos, zona de protecção, etc.

E como atrás se disse, prosseguiram, a cargo dos Serviços Municipalizados, os trabalhos das redes domiciliárias de Alpalhão, Montalvão e Tolosa.

Estradas e Caminhos

Prosseguiram os trabalhos nas seguintes estradas e caminhos:

- 1) E. M. 525 — De Montalvão a Póvoa e Meadas, reparação do pavimento e revestimento betuminoso;
- 2) E. M. 526 — De Nisa a Salavessa, pelo Pé da Serra, terraplanagens;
- 3) E. M. — 526-2 — De Salavessa a Montalvão, por Santo André, pavimentação;
- 4) E. M. 528 — De Amieira do Tejo a Arez, revestimento betuminoso;
- 5) E. M. 529 — De Nisa (E. N. 18) a Tolosa — proximidades — (E. N. 118), revestimento betuminoso;
- 6) E. M. 544 — Da E. N. 18 (sítio de Palhais) à E. M. 527 (proximidades do Duque), por Velada, pavimentação e camada de enrocamento;
- 7) C. M. 1002 — De Alpalhão ao Cacheiro (proximidades) — troço de Alpalhão a Arez, pavimentação;
- 8) C. M. 1002 — Idem — Troço de Cacheiro (proximidades) a Monte Claro, pavimentação;
- 9) C. M. 1001 — De Tolosa (E. N. 118) ao limite do concelho do Crato, pelo Carvalhal, terraplanagens.

Não foram executados quaisquer trabalhos nas seguintes estradas e caminhos:

- 1) E. M. 527 e 527-1 — Da E. N. 18 ao Duque e Arneiro e ramal para o Pardo, onde continua por concluir o revestimento betuminoso;
- 2) C. M. 1138 — Da Lameirancha (E. N. 118) a Castelo Cernado, por iniciar devido ainda ao facto de não estarem removidas dificuldades postas por alguns proprietários de terrenos a utilizar.
- 3) Arranjo da entrada poente do Monte do Pardo, onde falta a pavimentação, etc.

Novos arruamentos

Porque mais não foi possível fazer sobre novos arruamentos, apenas nos limitámos a prosseguir com os trabalhos de abertura da rua de acesso ao novo edifício escolar de Nisa, em que se dispendeu

a quantia de 34 679\$10, sem qualquer comparticipação, dado que para este efeito ainda não apresentámos o respectivo projecto.

Paços do Concelho e novas instalações

A fim de podermos pedir a comparticipação do Estado para as obras de reparação e remodelação dos Paços do Concelho, com a incorporação das antigas salas que estiveram afectas aos Serviços do Tribunal Judicial, continuamos a aguardar que o Senhor Arq.^o Mário de Oliveira, nos entregue o respectivo projecto, de harmonia com as indicações que, pessoalmente, aqui lhe foram dadas.

Quanto às dependências do antigo Hospital, que a Câmara deliberou adquirir à Santa Casa da Misericórdia e por conta de cuja aquisição (151 900\$00), apenas foi paga a quantia de 50 700\$00, como já se disse no relatório de 1962, porque não era oportuno executar nele as obras profundas que estão destinadas e que terão de obedecer a um projecto que ainda não está elaborado, limitámo-nos, por isso, a proceder a umas ligeiras reparações na parte sul do 1.º andar e em parte do rés do chão, para ali se instalar a secretaria, armazém e oficinas dos Serviços Municipalizados, e ainda a oficina de aferições, em cujas obras se gastou na gerência de 1963 cerca de 12 contos, tendo os trabalhos continuado no corrente ano.

A minha Consciência...

Conheci-a outro dia, ali na esquina. Era uma garota de meias de algodão e cabelos dourados. Fitou-me e estremeceu: o seu olhar tranquilo como águas quietas de lago de jardim, reflectindo as copas e o azul sem mácula, penetrou-me profundamente. Sentia bem, nada poderia ocultar àqueles olhos meio azuis, meio verdes, de colorido indefinido. Ela era bem a minha Consciência, e a minha Consciência vendia flores, e os seus olhos tinham sempre o colorido das flores que vendia, e as suas mãos eram brancas e finas, delicadas hastes de rosadas unhas.

Não enlouqueci daquela loucura sensual, transitória, que todo o homem experimenta frente à mulher que inconscientemente ou conscientemente o perturbou, desviando-o do curso normal da sua existência. Não enlouqueci, não, passei unicamente a mergulhar, todas as manhãs, os meus olhos materiais naqueles outros da minha Consciência, e a deixar ler neles os meus sonhos e anseios de homem que vive e sente porque sente e não porque vive. E comprava-lhe flores, abandonava-me ao prazer de a ver hesitar sobre um ramilhete, separar este, aquele e, depois, ofertar-me um num gesto ora atraente e compensador, ora seco e indiferente. Mas tudo o meu pensar desculpava porque, não sei se por invulgar coincidência, ela reflectia no gesto, e até na cor do ramilhete, a minha

(Continua na página 3)

A CIGARRA E A FORMIGA

por Carlos Tomás Cebola

(Conclusão)

- 3.º SOLISTA — Mas não faz mal porque esta também tem uma lição. Uma lição de Moral e agora, infelizmente, mais necessária e urgente que em outra qualquer idade.
- A CIGARRA — Uma lição de AMOR e de BONDADE.
- A FORMIGA — De COMPREENSÃO, de HUMANIDADE.
- CORO — Daquela HUMANIDADE dos homens tão esquecida.
- A FORMIGA — A Cigarra e a Formiga nunca tiveram questões, nunca se travaram de razões, ainda que haja quem o diga!
- A CIGARRA — Os homens!? Esses, sim.
- 3.º SOLISTA — Os homens é que não ajudam os outros homens, seus iguais.
- 2.º SOLISTA — Os homens é que repudiam os outros homens, seus irmãos.
- 1.º SOLISTA — São eles quem nega a mão a quem dela necessita.
- 2.º SOLISTA — Quem corta os sonhos, a VIDA
- 3.º SOLISTA — Quem mata a paz e arma a guerra!
- A CIGARRA — Quem acende as lutas, sobre a terra
- A FORMIGA — E risca o AMOR da Humanidade.
- 1.º SOLISTA — São eles quem faz o ódio,
- 2.º SOLISTA — A inveja e a ofensa,
- 3.º SOLISTA — A luta e a intriga,
- A CIGARRA — A dor e a vingança,
- A FORMIGA — O luto e a descrença.
- 1.º SOLISTA — Esquecendo a sua frágil condição riscaram das próprias almas o termo: *compreensão*
- 2.º SOLISTA — E transformaram-se em monstros que vomitam ferro e fogo
- 3.º SOLISTA — E das suas mãos, naturalmente amigas, fizeram sinistras garras.
- A CIGARRA — Julgam-se quase Deus e não passam de formigas!
- A FORMIGA — Ou vêem-se formigas quando são pobres cigarras!
- 1.º SOLISTA — E foi assim, que aquele triste inverno que ameaçava uma cigarra cantadeira, se transformou num lar acolhedor e terno com pão para comer e lume na lareira.
- A FORMIGA — E a Formiga não deixou de ser o que era até ali.
- A CIGARRA — E a Cigarra não deixou de ser o que era até então.
- 2.º SOLISTA — Mais! Penso, até, por sinal; que, se acaso alguma história aconteceu com estes pequeninos seres do vasto mundo animal, foi, certamente, precisamente, a que acabaram de ouvir.
- 3.º SOLISTA — Porque, afinal, a Cigarra continua cantando todo o verão e tem as mesmas loucuras do Poeta, a mesma largueza de ambição, o mesmo espírito, a mesma alma aberta.
- 1.º SOLISTA — Por isso é que os livros, muitas vezes, estão errados, e as lições e os exemplos não estão certos e os tratados ou uma convenção não passam de papéis porque lhes falta *coração*.
- 2.º SOLISTA — Como a vida teria outra cor! Era tudo tão simples se a mínima acção nascesse do amor!
- 3.º SOLISTA — E o mundo pode ser assim se tu quizeres!
- A CIGARRA — E tu!
- A FORMIGA — E tu!
- CORO — Todos nós, por muito que se diga!
- 2.º SOLISTA — Basta, apenas, que nos sirva a lição da história pequenina e discreta
- A CIGARRA — Duma Cigarra que tinha alma de Poeta!
- A FORMIGA — E da Formiga que tinha *Coração*!
- CORO — Que tinha *Coração*!

MUSICA

enquanto o pano desce, lentamente

A MINHA CONSCIÊNCIA...

(Continuado da 2.ª página)

disposição no momento ou a recompensa que eu mereceria deste ou daquele acto absolutamente pessoal, é certo, mas repreensível.

Ela sabia tudo de mim.

Falámo-nos aproveitando a presença fortuita de uma borboleta que voava sobre um cravo espanhol aberto e ensanguentado como um coração desfeito. A nossa conversa não foi trivial, como não era a casualidade que a originou; demais, quando alguém fala com a sua consciência, a conversação nunca é trivial.

Comecei, hesitante em toda a timidez que me caracteriza para logo, audacioso, firme do passo dado, englobar no assunto inicial o de maior interesse para mim, ou para nós.

Não apreciei a borboleta, nem disse era branca ou maculada; não fiz referência ao cravo ensanguentado, simplesmente, fa'ei de nós: era ela bem a flor; era eu bem o alado instante, presos numa comunhão de infinito. Era eu quem dava maior encanto à flor, adejando-lhe em volta; era ela quem emprestava cor à brancura da minha alma.

Falando, via sorrir-se: parecia ter compreendido. Olhava-me de um modo raramente meigo, delicadamente meigo. Corei intensamente. Fitámo-nos mais sem dizermos mais. E nem sabia se era ela que me estava olhando, ou se era eu que me estava sorrindo, enlevado numa visão que faria da minha vida um enorme cravo de ânsia, aberto e palpitante como o coração no peito. Era a realidade, não houvera alucinação, eu falara. Ela pegou num cravo, com gestos nervosos colocou-mo na lapela e, numa quase altivez, estendeu a palma da mão, rosada e branca, esperando o níquel com que eu pagava aqueles

momentos. Fiquei confuso, levantei os olhos e encarei-a: a minha Consciência acusava-me inexplicavelmente. Paguei e afastei-me contristado.

A manhã acordara com laivos roxos e ares ensonados. Contrariando o aspecto merencório da natureza, erguera-me alegre, trauteando a plenos pulmões marchas militares. Saí como de costume, e a rua, atirando-me para a'cara toda a frescura da madrugada, troxera-me acréscimo de mobilidade e de boa disposição.

Depois do meu "atrevimento", pensava ser natural a ausência da minha Consciência mas, tentando manter o mesmo ritmo marcial com que acordara, repetia-me: "Não faz mal, nada sentirei, uma vez que passo a ser inconsciente". E ria.

Por isso, ao dobrar a esquina, foi com um misto de entusiasmo e perplexidade que fixei o tabuleiro multicolor e, verdadeiramente fascinado, mergulhei os meus nos olhos verde azulados da vendedeira. Deus do Céu! Certeza admirável, o que eu lia nos seus olhos era meiguice e um certo feminismo comum a toda a boa Consciência. Simultaneamente, no delicado cálice das suas mãos, ofertava-me maravilhosa rosa branca de pureza, plena de simbolismos.

Não sei quem proferiu alto a única palavra que poderia sintetizar o meu pensamento.

E o sonho mais real de toda a minha vida consumou-se um domingo de sol primaveril, na modesta capelita da aldeia que me foi berço, esfusante de luz, coada nos vitrais de cor e perfume das flores silvestres que embriagavam o espaço.

ANTÓNIO CLARO

FESTA DE Santo Isidro

Como estava anunciado, realizou-se o festival ao Padroeiro dos Lavradores.

A concorrência foi diminuta, o que não tem, pelo menos aparentemente, explicação aceitável.

No que se refere ao concurso poético, também nos parece que a densidade é fraca. Os Vates da região necessitam talvez dum passeio à Beócia.

"REVISTA ALENTEJANA"

Recebemos o número 337 desta publicação, referente ao mês de Maio, dirigida por Victor Santos. Na capa, apresenta uma fotografia artística de camponesa alentejana. No texto, ornado de esplêndidas gravuras, lemos artigos de mérito, assinados por gente responsável. É trabalho que todos os do Alentejo deveriam ler e assinar.

CALENDÁRIO POPULAR

Água de Maio, pão para todo o ano.

Gente Grata

Recebemos o seguinte agradecimento:

"A Direcção da Casa do Alentejo, ao congratular-se com o êxito obtido na III Festa de Cantares Alentejanos, recentemente levada a efeito no Pávilhão dos Desportos, não pode deixar de registar com o melhor agrado, a valiosíssima e desinteressada acção desenvolvida por V. Ex.ª nesse sentido.

Assim, apraz-lhe dirigir a V. Ex.ª os seus mais expressivos agradecimentos pela preciosa colaboração que se dignou prestar-lhe, tornando possível divulgar-se mais um aspecto do Folclore do País".

Ficamos sempre ao dispor da boa cruzada de dignificar pessoas e coisas.

E FEMÉRIDES

Em 29 de Maio de 1357, foi aclamado rei D. Pedro I, de quem Fernão Lopes, diz no prólogo da respectiva Crónica: "husou da justiça de que a Deus mais praz que cousa boa que o Rei possa fazer".

Horas Tristes

por Maria Pinto

Deu-se na França um desastre dum português (coitadinho!). Tinha só 17 anos, lá morreu desgraçadinho.

Ali vivia. Os pais o amavam com carinho. Em França está sepultado este pobre rapazinho.

Não teve tempo de nada, ali morreu sem saber, não falou para ninguém nem soube que ia morrer.

Uma morte tão aflita até corta o coração; os amigos só o viram já metido no caixão.

A sua mãe já tardava o seu José sem voltar. Parece que adivinhava o que se estava a passar.

Quando saiu do trabalho, para sua casa vinha. De encontro a um camião a sua morte ali tinha.

Foram logo os portugueses todos, a o acompanhar. Confrangia o coração ver os seus pais a chorar.

Ofertaram-lhe coroas, última recordação. Tinha lá sua família, só cá tinha sua irmã.

Seus pais, chorando de dor, cortavam o coração, Ai filho da nossa alma, tanta dor, tanta paixão.

Triste sorte foi a tua. Estavas na flor da idade. Só tinhas 17 anos, não gosaste a mocidade.

Foi dia 7 de Maio que tu deste a alma a Deus. Nem soubestes que morrias, foste para o reino dos Céus.

Andava a tratar da vida. Afinal, tratou da morte. Quando de cá abalou, já levava aquela sorte.

Devem apurar a causa, a ver, quem foi o culpado. Tu é que foste infeliz, que já estás sepultado.

ACTIVIDADES DA DIOCESE

Para presidir a uma reunião com o clero do Arciprestado, esteve há dias em Nisa Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Bispo de Portalegre e Castelo Branco.

QUEM CANTA

Nesta triste despedida não sei o que hei-de fazer; levar-te não é possível, deixar-te não pode ser.

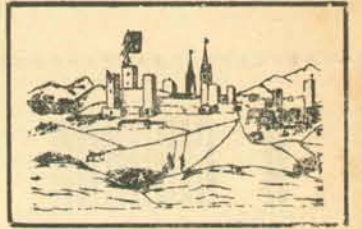
VERDADES DE SEMPRE

Carne de hoje, pão de ontem, vinho do outro verão fazem o homem são.

ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINÓMETRO
DE CORPO E ANÚNCIOS PERMANENTES,
CONTRATOS ESPECIAIS, NÃO SE RESTI-
TUEM ORIGINAIS, A CORRESPONDÊNCIA
É DIRIGIDA AO DIRECTOR, TODA A
COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura



Reflexões de um Jovem...

Quem te escreve é jovem como tu: desanove primaveras! Nossos anseios são comuns! Sinto a mesma ânsia que tu sentes! Rasga-se teu coração em carne viva ao veres... corpos girando pela pista, aos encontrões (as almas sabe Deus... talvez débeis, enfermas)? Também o sinto. Se eu te contasse o mal que me fez um desses bailes... Convidado, lá fora sonhando com camaradagem franca e sã, respeito mútuo... A princípio tudo bem; a música viera. Salão iluminado(?). O ambiente pesava cada vez mais. Indispunha: começara o baile (onde a graça e a pureza d'antanho?). Nos olhos brilhantes deles e delas expressava-se uma infinidade de sentimentos. Eu... um estranho.

Agora conversemos um pouco mais: Repugna-te a tua inconstância? Eu também sou inconstante.

Vivo porventura em lugar onde a maldade não tem acesso? Não, meu bom amigo, vivo no mundo, no mesmo mundo atribulado em que tu vives! Escolhi Deus. Não sou menino nem gato pingado. Como homem que sou procuro cumprir os meus deveres para com Deus, com mais ou menos mérito, sem fazer uso de de devoçõeszinhas fingidas.

Acaso sou santo? Reconheço que estou a uma distância indizível disso, no sentido que vulgarmente se atribui à palavra. Porém, quando caio, levanto-me por reacção natural, e esforço-me por não voltar a

cair. Se caio segunda vez, segunda vez me levanto.

Vivo e sinto, portanto, as tuas dificuldades.

Consente que te diga: conheço-te.

Compreendo-te porque sou jovem como tu.

Sei que aspiras a um lar feliz escolhido sob o olhar meigo e doce do Senhor, onde reine a harmonia e a concórdia. Sei que sonhas com uma esposa carinhosa, exemplar... um filho. Como te entenece sonhar com tudo isso. Tenho aspirações idênticas. Mas... merecelo? Lembra-te que só é justo exigires na medida em que deres. E dando-lhe um corpo alquebrado, vencido, podre, e um coração adulterado como podes exigir d'alguém fidelidade e pureza? Ao invés se lhe ofertas um corpo casto e um coração transbordante de juventude "O LAR feliz" acolher-te-à e, ambos, elevar-se-ão cada vez mais, espiritualmente.

Não, meu bom amigo, não queiras ser, como tantos, um indiferente. Esquece as vis torpezas.

Acredita que sinto os teus problemas. Conta comigo, com a minha oração.

O momento do reerguer é chegado.

Gritemos, pois, com voz ardente e em coro: "Queremos Deus, caminhos, verdade e vida".

Antevejo-te, caro jovem, a trabalhar por Cristo, com entusiasmo e generosidade.

Deus chama-nos. A hora é nossa.

Avancemos, pois, cantando e rindo!...

JOÃO MARIA CASTANHO

OS NOSSOS ASSINANTES

Conforme anteriormente havíamos informado, começamos a publicar hoje a relação dos assinantes do jornal.

A ordem seguida é a dos nossos apontamentos, ainda organizados por forma elementar, já que só daqui a meses poderemos estabelecer uma orgânica capaz.

Não há, por isso, qualquer classificação especial: o rol segue com a materialidade das coisas materiais. E, assim, teremos, como gente compenetrada duma tarefa muito necessária ao burgo, os Srs. seguintes:

Severino Esteves Semedo
Eng.º José Otto Ferreira Pinto
Dr. Joaquim Semedo Tôco
José Temudo Loução Lemos
José da Cruz Bucho
António Pires Bento
José Maria da Silva
Carlos Miranda Belo António
Francisco do Rosário Louro
Júlio Pires Bento
Cândido Gomes de Carvalho
Ilídio Nogueira Leitão
Dr. Eduardo Lopes Mourato
Dr. Aniceto Ferreira Pinto
D. Maria Adelaide F. Pinto Marçal
Prof. João Maria Melato Carita
Luís da Graça Vieira
António da Graça Castanho
Jorge Dinis Farto
David Paulino
Cesar de Almeida Morais
Padre António Lopo de Oliveira
José Ribeirinho Louro
D. Faustina Rafael Figueiredo
António Dias Cardoso
João Fernando Moreira
José Ventura Balonas
António Ramos Amaro
Aníbal Goulão
Josefa do Rosário Ramos
Dr. Jaime Oliveira de Almeida
Dr. Luís João da Silva
João Correia
Carlos Manuel Tello Gonçalves
Dr. Ernesto Subtil
Dr. Francisco Subtil
Dr. Alfredo Subtil
"Recorte"
João Maria Castanho
João Baptista Rosa
Dr. José Fraústo Basso
Dr. Carlos Bento
Prof. José Pires
Tenente Rui Loução
Dr. Silvestre Pequito
José Maria Caldeira Salgueiro
José Maria Morgadinho
José Fazendas Louro Chambel
Dr. Moura Velez
António de Jesus Alfaia Tremoço
Dr. Joaquim Grave
António de Sousa Martins
Manuel Granquinho
Henrique da Piedade Balonas
Carlos Franco Figueiredo
(Continua no próximo número)

BAPTISMO

Foi baptizada Maria dos Anjos Lopes Valente Carrilho, filha de José Dinis Lopes e de Benedita Valente Carrilho.

BOM SENSO E BOM GOSTO

É com inteiro gáudio que se verifica este ano a compostura da assistência, às cerimónias do Mês de Maria, na Igreja Matriz.

Silêncio, dignidade é o que predomina no exterior, prova de ser educada a gente desta Terra.

Nos anos anteriores, uma série de insolentes, em que por ventura se advinhavam futuros madraços e vândios, perturbavam o culto e dava de si provas do que era.

Ainda bem que tudo voltou à ordem.

Maior, com a Virgem, os perfumes e as flores é quadra de delicada espiritualidade; e não se compadece com a grosseria de certa gente, indigna de certos lugares.

Entretanto, paz a todos os de boa vontade.

Correio de Nisa

O nosso último número esgotou-se. Muitas pessoas nos têm procurado, para o adquirir. Não é possível; o dizemos com júbilo e mágoa simultâneos.

Uma segunda edição não cabe nas posses muito fracas do jornal.

Entretanto, se alguns exemplares conseguirmos logo os entregaremos a quem constar da respectiva inscrição, e pela respectiva ordem.



MARIA DA GRAÇA G. MORAIS

1 ano de Eterna Saudade

Será celebrada missa pelo seu eterno descanso, no dia 1 de Junho, na Igreja do Espírito Santo.

A Família desde já agradece a quem desejar assistir a tão piedoso acto.

P. N. A. M.

Da prestigiosa Empresa que é a Hidro Eléctrica Alto Alentejo recebemos o seguinte convite:

Os Corpos Gerentes da Hidro-Eléctrica Alto Alentejo têm a honra de convidar V. Ex.ª a assistir à inauguração do monumento ao Eng. JOSÉ CUSTÓDIO NUNES, saudoso 1.º Presidente do Conselho de Administração e um dos Fundadores da Empresa, que se realizará, no dia 5 de Junho, às 12 horas, na Barragem da Póvoa.

«Lapsus Calami»

Quanto à notícia que damos noutra página, referente ao Senhor Engenheiro Ferreira Pinto, devemos em tempo esclarecer que empregámos o verbo no passado, em vez de o ser no futuro. Aqui fica a correcção, em abono da verdade.

De Capa e Batina

(Continuado da página 1)

chave, e com segredo que só sabiam as pessoas íntimas da família.

Súbito, dando volta ao pipo, descobre-lhe a criada um pequeno orifício aberto aparentemente a poder de verruma e mui mal tapado com restos de jornais e estearina.

— Foi por aqui! — exclama a serva, triunfante.

— Cale-se, mulher, não diga asneiras!

— Asneiras, senhor Doutor?!

— Asneiras, sim. Pois se o vinho falta em cima, como quer você que o tenham roubado por baixo?

(Do "Livro do Doutor Assis")

De Novo os Vândalos

Continuam os desmandos da garotada. Já há tempo aqui nos referimos a alguns casos tristes, verificados na Porta da Vila.

Agora, porém, alargou seus domínios; e toda a Nisa está pejada de hordas de gaiatos sem educação que, munidos de «figas», arrazam os ninhos de andorinhas, pondo em risco pessoas e outras existências que, não sendo gente, também merecem consideração.

É uma ausência completa de civismo e prova de maus sentimentos. Há pessoas cujas funções sociais impõem educar, mas não educam.

O desvelo de quem de direito é mais uma vez solicitado, no sentido de se evitarem atitudes censuráveis, tantas vezes ensinadas às crianças por "respeitáveis" adultos de gravata e paletó.

O TEMPO

De água, nem pingos. Segundo dizem os práticos, o ano vai ser ruim, embora os teóricos não estejam inteiramente de acordo; pois há os que garantem estarem as oliveiras mostrando boas promessas.

Eis o assunto de que toda a gente fala e de que poucos percebem, poucos ou nenhuns.

Contudo, deve haver, como sempre, o que Deus quiser.

É teoria do «Borda d'Água» e a mais equilibrada.

CINE-TEATRO DE NISA

(Espectáculos para o mês de Junho)

Dia 6 — Conselho de Guerra — maiores de 12 anos

Dia 13 — O Analfabeto — maiores de 6 anos

Dia 20 — Macisto na Corte do Gran Khan — maiores de 12 anos

Dia 27 — A Visita — maiores de 17 anos